

A ESTÉTICA CONCRETA DE GASTON BACHELARD APLICADA À LITERATURA INFANTIL

Patricia Marinho Gramacho, Éris Antônio Oliveira
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS

Introdução

Esta dissertação, intitulada A estética concreta de Gaston Bachelard aplicada à Literatura infantil: especificidades de uma vivência, foi desenvolvida para atender às exigências do mestrado em Letras, Literatura e Crítica Literária, sob a orientação do professor Dr. Éris Antônio Oliveira, estando vinculada à área de concentração denominada Crítica Literária, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. O presente estudo tem por objetivo apresentar a Estética Concreta de Gaston Bachelard aplicada à literatura infantil, junto a uma realidade específica, constituída pelo universo de uma Pediatria Oncológica. Bachelard propõe uma estética concreta que se fundamenta numa reflexão sobre a imaginação, considerada a faculdade ontogênica, responsável pela gestação simultânea do homem e do mundo. Cabe a esta estética concreta apreender as forças imaginantes que se desenvolvem sobre dois eixos complementares: o da horizontalidade perceptivo-formal e o da verticalidade dinâmico-material. Um dá vida à causa formal, outro, à causa material (FARIA 2009; BACHELARD, 1997). A estética concreta busca descobrir sob as imagens que se mostram, aquelas que se ocultam, descendo à raiz profunda do impulso imaginário. É concreta porque recorre aos quatro elementos presentes na matéria: à água, ao ar, à terra e ao fogo, possibilitando a criação de devaneios fundamentais. Bachelard defende que somos influenciados pela materialidade, que cada percepção formal encontra-se acompanhada de uma matéria. Esses quatro elementos são para Bachelard “os hormônios da imaginação” sendo o elemento material determinante tanto para a doença como para a cura. “Sofremos pelos sonhos e curamo-nos pelos sonhos. (BACHELARD, 1997, p.5).”

Métodos, procedimentos e materiais

A estética concreta de Gaston Bachelard fundamenta-se na crença em um sentimento humano primitivo formado a partir de interesses orgânicos primordiais, chamados de “hormônios da imaginação” – a água, o ar, a terra e o fogo, que caracterizam a imaginação material e dinâmica, faculdade ontogênica, responsável pela gestação simultânea do homem e do mundo. Esta dissertação tem como objetivo descrever a aproximação da relação prazerosa da criança em processo de hospitalização em uma Pediatria Oncológica, com a Literatura Infantil, ressaltando-se a capacidade humana de transformar-se a partir do “maravilhamento” advindo desta visão dinâmica do imaginário. Recorre-se, neste estudo, à epistemologia bachelardiana, que se caracteriza mais como uma estética do que uma lógica da ciência, pois ela nos traz o deslumbramento que considera o maravilhoso como uma categoria lógica (QUILLET, 1977). Mantendo-se a proposta da Poético-análise de Bachelard, busca-se também julgar os símbolos presentes nas histórias do ponto de vista da sua força, pois a imagem literária é mais viva que qualquer desenho justamente porque transcende a forma, é movimento sem matéria. São imagens motrizes. Integram-se forma e materialidade imaginativa, tomando-se o cuidado de não separar as coisas de sua expressão, porque o ser que comenta sonhos, não pode permanecer no contorno das formas. A questão é aproximar a relação prazerosa da criança com as diferentes materialidades, utilizando o ato poético para argumentar a importância da experiência com a leitura para a formação de um ser humano mais sensível e capaz de complexificar idéias para relacionar-se com outros. Significa sublinhar a capacidade humana de transformar, desde a infância, o fenômeno natural (não-humano) em fenômeno poético (humano). Metodologicamente, os livros infantis foram oferecidos às crianças como mais um material presente no consultório de psicologia ou em uma pasta conduzida pela psicanalista, quando ia fazer atendimentos em enfermaria. Apesar de partilhar a certeza de que as imagens não devem ser estudadas em fragmentos, foram apresentados os comentários de cada livro em itens separados, para melhor visualização do livro escolhido e para que se possa entender como essa obra influencia o imaginário da criança. Manteve-se, assim, a fidedignidade na transcrição de algumas representações referentes a determinados livros, mesmo consciente de que a avenida dos sonhos possui diversos becos, ruas sem saída e passagens secretas que somente o indivíduo, na singularidade de seu passeio, poderá descobrir. Para a realização deste estudo, foram escolhidos: Bruxa e Fada, Menina Encantada (2002, de Ieda de Oliveira, com ilustrações de Pinky Wainer); Chapeuzinho Amarelo (2000, de Chico Buarque, com ilustrações de Ziraldo); Nós (2000, de Eva Furnari); A formiguinha e a neve (1995, recontado por João de Barro (Braguinha), ilustrado por Rogério Borges). A partir destes livros, mais três foram acrescentados apenas como complementação à transcrição do atendimento vivido pelas crianças. São eles: O patinho feio (1996, adaptação de Ruth Rocha, com ilustrações de Pinky Wainer), O caso do bolinho (1990, de Tatiana Belinky e ilustrações de Michio Yamashita) e A Arca de Noé (2000, de Ruth Rocha, ilustrações de Cláudio Martins). As associações de cada história, com elementos materiais específicos, o ar, a água, a terra e o fogo, possibilitaram a cada criança uma vivência de intimidade. Passa-se pela consciência de que a poética

busca o elemento em sua “intimidade” que passa por três atravessamentos: da criança, da contadora e do autor. Sendo assim, não são regras fixas para serem usadas sempre que se contar a mesma história, mas experiências íntimas que confirmam a existência de mundos possíveis. Valorizam-se, portanto, as “verdades da imaginação” (BACHELARD, 2003, p.37).

Resultados e discussão

Manteve-se, assim, a fidedignidade na transcrição dos atendimentos vividos por quatro crianças específicas, mantendo-se as representações referentes a determinados livros. As representações relacionaram-se às interações entre o mundo estabelecido e o mundo transformado pelas histórias; à ficção vivenciada como uma possibilidade de alívio das tensões hospitalares; à literatura possibilitando a vivência da leveza pela expressão de sentimentos represados e à repetição encadeada da história, como uma garantia da continuidade da vida, apesar das frustrações sucessivas. Utilizando-se da poético-análise bachelardiana (BACHELARD, 1988) e de uma visão operante da psicanálise (KON, 1996), valoriza-se a possibilidade da criação de realidades singulares pela ficção, sendo estas marcadas pela herança cultural de cada um. Os resultados confirmam a existência de uma visão poética da criança, capturada pela possibilidade de fazê-las acreditar nesta irrupção do tempo, ou seja, o “maravilhamento” proporcionado pela leitura.

Conclusão e referências

Compreende-se a impossibilidade de captar o instante de “maravilhamento” de uma criança diante de uma história, mas a partir de Gaston Bachelard (2007), percebe-se que a vida não pode ser compreendida numa contemplação passiva, pois compreendê-la é mais que vivê-la, é efetivamente impulsioná-la e é sempre num instante que esta vida encontra sua realidade primeira. Este estudo emerge do encontro fecundo entre o trabalho que tenho desenvolvido nos últimos anos, com crianças hospitalizadas, e as reflexões sobre a obra de Bachelard. Imaginar sempre será mais que viver, pois envolve ensaiar diferentes modos de viver, inventando e instaurando outras realidades, extraindo de nós mesmos uma força advinda desta pluralidade de mundos desconhecidos. Força alimentada por um pensamento dinâmico, onde razão e imaginação caracterizam-se como criadoras, ativas, abertas e realizantes. Para Bachelard (2007, p. 31) a novidade é essencial à vida, pois o permanente nunca há de explicar o devir. “Se, pois, a novidade é essencial ao devir, tem-se tudo a ganhar atribuindo-se essa novidade ao próprio Tempo: não é o ser que é novo num tempo uniforme, é o instante que, renovando-se, remete o ser à liberdade ou à oportunidade inicial do devir”. Uma hospitalização pode ser muito mais do que um processo de tratamento, pois se sabe, à luz de Bachelard (2007), que o repouso aumenta a probabilidade de ação e que a duração não age apenas à maneira de uma causa, mas principalmente à maneira de um acaso. Histórias que escolhidas ao acaso contam casos íntimos e únicos. Refletir sobre aquilo que nos torna interessantes e inteligentes, únicos porque somos capazes de ultrapassar nossa humana condição no tempo, pela possibilidade de nos distanciarmos do vivido, da pobre e monótona realidade, para revivê-la amplificada pela imaginação criadora. Isto é acreditar na visão poética da criança, na existência dos “olhos que gozam”, na possibilidade de cura pelos sonhos e principalmente, no uso saudável da leitura. As representações observadas durante a transcrição dos atendimentos vividos por quatro crianças específicas após a escuta de determinadas histórias relacionaram-se às interações entre o mundo estabelecido e o mundo transformado pela escuta ativa de histórias; à ficção vivenciada como uma possibilidade de alívio das tensões hospitalares; à literatura possibilitando a vivência da leveza pela expressão de sentimentos represados e à repetição encadeada da história, como uma garantia da continuidade da vida, apesar das frustrações sucessivas, ou seja, o “continuar sendo”, expressão sublinhada por Winnicott. Perceber-se integrado em uma relação dual, seja com o contador, seja com os personagens ou simplesmente com a materialidade do próprio livro já minimiza o isolamento hospitalar, facilitando no enfrentamento do tratamento e principalmente transformando o tempo de internação. Percebeu-se pela experiência que as imagens literárias acessaram campos de difícil comunicação com as crianças, confirmando a afirmação de Bachelard (apud por Duran, 1982, p. 61) que “as imagens literárias são muito mais eficazes que as imagens do cinema ou visuais, porque exigem a participação do leitor”. Estaria aqui confirmada uma forma de intervenção? A leitura pode possibilitar uma reviravolta do homem em relação àquilo que se apresenta inicialmente a ele. Um movimento de conversão do olhar, capaz de fazê-lo ver o que antes lhe permanecia oculto. É esta irrupção do real que suscita os questionamentos sobre a transformação, mobilizando o pensar, instigando o falar ou o movimento, destruindo a continuidade do tempo. Proporcionar instantes de “maravilhamento” às crianças hospitalizadas, fazê-las acreditar nesta irrupção do tempo é o que sustenta este trabalho. Não existem interpretações ou pedagogias a serem passadas, mas possibilidades... O devir... Acreditando-se sempre que “o possível é uma tentação que o real sempre acaba por aceitar” (BACHELARD, 2007, p.58)."

ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.. BACHELARD, G. A poética do devaneio. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988. _____. A formação do espírito científico: contribuições para uma psicanálise do conhecimento. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. _____. A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997. _____. A psicanálise do fogo. Tradução Paulo Neves 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. _____. O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento. Trad. Antônio de Pádua Danesi, 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. _____. A intuição do instante. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. – Campinas, SP: Verus Editora, 2007. BARRO, J. A formiguinha e a neve/ recontado por João de Barro (Braguinha): Ilustrado por Rogério Borges; consultoria editorial de Nelly Novaes Coelho. - São Paulo: Moderna, 1995. BARTHES, R. Introdução à análise estrutural da narrativa. p.19-62. In: Análise estrutural da narrativa, Trad. M.Z. Barboza Pinto. Petrópolis; Ed. Vozes, 1971. BELINKY, T. O caso do bolinho; capa e ilustrações de Michio Yamashita. – São Paulo: Moderna, 1990. BENJAMIN, W. O narrador. Rio de Janeiro: Abril Cultural. Coleção Os Pensadores, 1982. BERNARDINO, L. M. F. O desejo do psicanalista e a criança. In: Psicanalisar crianças: que desejo é esse? Salvador: ÁGALMA, 2004. BRETON, A. (1924). Manifesto Surrealista. In: [www3. uma.pt/dmfe/manifesto_surrealista.pdf](http://www3.uma.pt/dmfe/manifesto_surrealista.pdf), acessado em 16/10/2011. BROKMEIER, J.; HARRE, R. Narrativa: Problemas e promessas de um paradigma Alternativo. Psicol. Reflex. Crit., Porto alegre, v.16, n.3,2003. Available from http://www.scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722003000300011&Ing=en&nem=iso, acessado em julho de 2011. BRUNER, Jerome. Realidade mental, mundos possíveis/ trad. Marcos A. G. Domingues, Porto alegre; Artes Médicas, 1997. CALDIN, C.F. Biblioterapia: Atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. In: Biblos Revista Eletrônica de Bibliotecologia, Archivologia y Museologia, Ano 6, No.21-22,Ene – Ago.2005. Disponível em: redalyc.uaemex.mx/pdf/161/16102202.pdf.Retirado em 28/11/2011. CALVINO, Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas. Tradução: Ivo Barroso - São Paulo; Companhia das Letras, 1990.

Palavras-chave: Imaginação material dinâmica; Literatura infantil; Onco-Pediatria; Maravilhamento.

Contato: patgramacho@live.com